

---

**EU LÁ, EU CÁ: UM ESTUDO SOBRE A DIÁSPORA WARAO A PARTIR DO OLHAR DA CRIANÇA SOBRE O PROCESSO DE MIGRAÇÃO PARA A CIDADE DE BELÉM/PA****YO ALLÁ, YO AQUÍ: UN ESTUDIO SOBRE LA DIÁSPORA WARAO DESDE EL PUNTO DE VISTA DE LOS NIÑOS SOBRE EL PROCESO DE MIGRACIÓN A LA CIUDAD DE BELÉM/PA****ME THERE, ME HERE: A STUDY ON THE WARAO DIASPORA FROM THE CHILDREN'S POINT OF VIEW ON THE MIGRATION PROCESS TO THE CITY OF BELÉM/PA**Maria Waldiléia do Espírito Santo Bento<sup>1</sup><https://orcid.org/0000-0002-5266-5157>David Junior de Souza Silva<sup>2</sup><http://orcid.org/0000-0003-2336-4870>**Submissão: 16/09/2021 / Aceito: 13/06/2022 / Publicado: 28/10/2010.****Resumo**

O povo Warao está no Brasil desde o ano de 2014. Sua vinda é oriunda de uma violação de direitos humanos, nas quais a usurpação das terras indígenas para exploração petrolífera e mineral na Venezuela acarretou em um grande fluxo de imigrantes desse povo para o Brasil. Sua entrada no Brasil deu por Pacaraima, em Roraima, e no Amazonas, e aos poucos, foram se interiorizando, estando, agora, em vários estados do Brasil. Esclarecendo que no presente artigo falar-se-á somente do olhar das crianças de três comunidades que estão em situação de abrigo, na cidade de Belém, no Estado do Pará. O objetivo da presente pesquisa é tratar do processo de migração do povo Warao, pelo olhar da criança, sua visão e seus desenhos que contam seus espaços de vivência antes, durante e depois da migração, para tanto as metodologias utilizadas foram rodas de conversa e expressão do desenho livre, a partir de perguntas norteadoras, por um roteiro semiestruturado. Em conclusão, aborda-se a subjetividade da criança, dentro de um processo doloroso de saída de seus territórios nativos.

**Palavras-chave:** Crianças; Imigração; Direitos Humanos. Amazônia.**Abstract**

The Warao people are in Brazil since 2014, their arrival stems from a violation of human rights, in which the usurpation of indigenous lands for oil exploration, minerals in Venezuela led to a large influx of immigrants of these people to Brazil, their entry was through Pacaraima in Roraima and Amazonas and gradually were interiorized, being now in several states of Brazil. It is important to clarify that this article will only discuss the viewpoint of children from three communities who are in a shelter situation in the city of Belém, in the state of Pará. The objective of this research is to deal with the migration process of the Warao people through the eyes of the children, their vision

---

<sup>1</sup>Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação Básica da Universidade Federal do Pará – PPEB/UFPA. E-mail: [wrlwww@gmail.com](mailto:wrlwww@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutor em Geografia (UFG). Professor da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). E-mail: [davi\\_rosendo@live.com](mailto:davi_rosendo@live.com)



and their drawings that tell about their living spaces before, during and after migration. In conclusion to this research there are important approaches that are made within the objectivity and subjectivity of the child in a painful process of leaving their native territories.

**Keywords:** Kids; Immigration; Human Rights. Amazon.

### Resumen

El pueblo Warao se encuentra en Brasil desde el año 2014, su llegada proviene de una violación de los derechos humanos, en la que la usurpación de tierras indígenas para la exploración de petróleo, minerales en Venezuela llevó a un gran flujo de inmigrantes de este pueblo a Brasil, su entrada fue a través de Pacaraima en Roraima y Amazonas y poco a poco se interiorizaron, estando ahora en varios estados de Brasil. Es importante aclarar que este artículo sólo abordará la visión de los niños de tres comunidades que se encuentran en situación de acogida en la ciudad de Belém, en el estado de Pará. El objetivo de esta investigación es abordar el proceso de migración del pueblo Warao a través de los ojos de los niños, su visión y sus dibujos que relatan sus espacios de vida antes, durante y después de la migración. En conclusión a esta investigación hay importantes planteamientos que se hacen dentro de la objetividad y subjetividad del niño dentro de un doloroso proceso de salida de sus territorios de origen.

**Palabras-clave:** Niños; Inmigración; Derechos Humanos. Amazonía.

### INTRODUÇÃO

Migrar é um direito humano. Todavia, a condição das pessoas nos movimentos diaspóricos é, via de regra, de privação de direitos básicos, como direito à educação, moradia, saúde e trabalho. No Brasil nos últimos 8 anos tem se evidenciado o movimento imigratório de povos indígenas venezuelanos: Waraos, Eñepa, Pemon e Kariña que desde o ano de 2014 vem intensificando o fluxo migratório para o Brasil. Especificamente 66% são povos Warao, 30% Pemon, 3% Enepam e 1% Kariña (ONU, 2020). O destino mais frequente destes indígenas é a Amazônia brasileira, porém tem-se percebido um processo de interiorização para além da região norte.

De acordo com o relatório de atividades para populações indígenas feito pela agência da ONU para refugiados (ACNUR), no ano de 2020, o quantitativo da população Warao, que está na região norte do Brasil, está assim dividido: 1,3 mil Roraima, 970 indivíduos no Pará e 600 pessoas no Amazonas. O restante desta população está em outras regiões do país, com uma parcela relevante na região Nordeste.

Em sua trajetória, o povo Warao, adentra o território brasileiro pelo estado de Roraima, e somente chega ao Pará realizando um traslado de cerca de 3,6 mil quilômetros, ora via terrestre, ora via fluvial. É sobre a realidade dos indígenas Warao assentados em Belém que tratamos aqui. O presente artigo visa mostrar por meio da cartografia social o olhar das crianças de três comunidades do povo Warao: Pueblo Blanco, Naba sanuka e Winikina. Algumas famílias Warao das



comunidades anteriormente citadas estão no Espaço de Abrigamento no bairro do Tapanã, zona periférica da Cidade de Belém/PA.

### CONCEITOS INTRODUTÓRIOS

De acordo com o dicionário de relações étnicorraciais de Cashimore (1996), a palavra diáspora surge de antigos termos gregos, *diasprá* e *spéiro*, palavras que significam semear, disseminar, espargir; e estão associadas a ideias de migração e colonização da Ásia menor e mar Mediterrâneo, que se deu por meados de 6000 A.C. Esclarecendo também que na tradução grega do Deuteronômio esta palavra significa maldição, onde está associada à saída dos judeus exilados da Palestina. Em outras concepções, o termo diáspora passou a corresponder à ideia de disseminação geográfica, política e cultural, de diferentes povos de forma não voluntária e por isso traumática, produzindo um sentimento de perda (JAIMES, 1999).

Assim, a diáspora pode ser compreendida como um espaço de tensão, nas quais perdas e ganhos são vivenciados pelo sujeito em diáspora diariamente. Cabe ressaltar que esse termo é empregado muitas vezes para identificar deslocamentos de povos ou desterritorialização de forma voluntária e involuntária, dando um outro olhar para a noção de afastamento geográfico, a partir de um processo não somente corpóreo, mas também emocional, pois o sujeito sente-se deslocado por um sentimento de não estar em casa (HALL, 2003).

Aqui conceituamos direitos humanos como Hahn (2012), para quem os direitos humanos correspondem aos direitos de cada indivíduo, em todas as suas especificidades, e que devem ser protegidos contra violações de sua individualidade. Direitos humanos são diferentes de direitos fundamentais: conquanto ambos sejam utilizados para se referir a direitos oriundos da dignidade humana, Barreto (2012) identifica a diferença entre ambos, segundo a qual direitos humanos vem a se referir a direitos universalmente aceitos, e a denominação direitos fundamentais refere-se a direitos efetivos na ordem interna do estado.

De acordo com Bobbio (2004), a principal nuance, no que se refere aos direitos humanos, não está em embasá-los, mas sim em como o ser humano pode ser protegido dentro desses direitos. Ou seja, não se trata de quantos e quais são esses direitos, e sim, qual a forma mais efetiva de garanti-los, pois entende-se que mesmo com as declarações internacionais e nacionais, muitos direitos continuam sendo violados constantemente, o que é perceptível nas situações de violação dos direitos dos povos indígenas.



Estas concepções de violação são muito evidentes na situação dos imigrantes indígenas Warao, pois muitos de seus direitos enquanto indígenas e imigrantes são constantemente violados, ainda que seus direitos enquanto seres humanos estejam nos escritos das legislações venezuelanas, enquanto povos nativos, e nas brasileiras, enquanto indígenas e imigrantes.

Devine (2007) esclarece que os direitos humanos são interligados e indivisíveis e, portanto, possuem uma isonomia. Referendando que questões de Direitos Humanos não são determinadas pela riqueza ou pela topografia de um país, mesmo que o respeito aos direitos humanos varie de país para país e de período para período. Esses não podem ser largados em alguma fronteira. Outrossim, permeiam a questão dos Direitos humanos, enquanto pauta mundial, onde o discurso demonstra uma disparidade gigantesca com a realidade, num mundo que destaca a importância da riqueza cultural, social e econômica da vida de todos os povos.

Na intenção de estruturar melhor a questão de direitos humanos dos povos indígenas no Brasil, os próximos parágrafos farão um percurso sucinto sobre as leis nacionais e internacionais que embasam os direitos dos povos indígenas.

A Constituição de 1988 é um marco, pois reconheceu as populações indígenas como sujeitos de direitos. Essa conquista vai ao encontro do percurso de lutas desenvolvidas no contexto internacional, principalmente na América Latina, destaque é a Organização Internacional do Trabalho (OIT), que vem a modificar a Convenção nº 107 de 1957. Em 1989 a OIT vem a formular a convenção 169, referente à proteção de povos tribais e semitribais de países independentes (DINO, 2014).

A partir da Constituição de 1988 e a forte atuação indígena em assembleias constituintes, muitos direitos foram institucionalizados na forma de lei. Especificamos aqui o direito à diferença que garante aos povos indígenas o respeito a sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições e o direito a uma educação específica diferenciada, reconhecendo também o uso da língua materna e os processos de aprendizagens próprios da cultura enfatizando ainda o direito humano a serem consultados quanto a políticas criadas para povos tradicionais (Art. 231, 210, § 2º, BRASIL, 1988).

Para Baniwa (2012), a Constituição de 1988 juntamente a Convenção de n. 169 da OIT e a Declaração das Nações Unidas Sobre o Direito dos Povos Indígenas, instituem o reconhecimento dos seguintes direitos: sujeitos de direitos e de cidadania plural; reconhecimento e promoção das especificidades culturais; direitos em quanto nativos, originários sobre as terras tradicionais; uso



das riquezas das terras tradicionais; uso da língua materna; terem seu reconhecimento enquanto povo; e consulta prévia aos povos antes de uma tomada de decisão.

Em uma perspectiva para o escopo estudado no presente artigo, cabe ressaltar o que Torely e Yamada (2018) destacam. Para eles, todos os direitos garantidos aos povos indígenas pelos tratados internacionais e ainda amparados pela Constituição de 1988 e pela jurisprudência brasileira, devem ser estendidos a imigrantes indígenas, assim como também as demais políticas.

### CONCEPÇÕES SOBRE O POVO WARAO

O povo Warao se constitui de indígenas venezuelanos oriundos da região Norte da Venezuela, no delta do Orinoco, no estado do Delta do Amacuro e regiões adjacentes nos estados Bolívar e Sucre. Warao, na língua nativa, significa “povo da canoa”, e “povo das águas” e “povo que mora perto da água”<sup>3</sup>. Os espaços de vivência dessa população, o “*janoko sebe*”, na língua nativa, ou ‘aldeia Warao’, para o não indígena, são moradias estruturadas em palafitas em regiões alagadas próximo aos rios (VENEZUELA, 2017).

No que tange à diáspora Warao, é importante esclarecer que os mesmos vêm enfrentando, desde 1970, um processo de saída de seus territórios por motivos diversos, tais como tragédias ambientais causadas por represamentos dos rios em suas terras, por invasões de agricultores e pecuaristas, fazendo com que esta população viesse a passar por diversas situações de violação de direitos humanos. Esta situação veio a intensificar-se ainda mais com a crise econômica na Venezuela, fazendo com que essa população viesse a enfrentar a falta de alimentos, saúde, moradia, obrigando a mesma a adentrar os centros urbanos da Venezuela em busca de uma melhor qualidade de vida. Ressalta-se que os Waraos, ainda que em processo contínuo de diáspora, mantêm vivas suas tradições culturais, muitos dos seus costumes adaptaram-se ao contexto urbano, tais como o “fazer coleta”, termo por eles utilizado (GARCIA CASTRO, 2000).

“A coleta” foi uma adaptação dos papéis sociais dentro dos territórios, no qual as mulheres e crianças eram responsáveis por coletarem frutas, hortaliças, raízes e pequenos animais para uso alimentar. Com o êxodo para as cidades, essa “coleta” passou a ser feita nos sinais de trânsito, nos centros urbanos da Venezuela, onde as mulheres e crianças passaram a pedir dinheiro, para a compra de alimentos e remédios e também para mandar algum dinheiro para ajudar os parentes que ficaram nas aldeias (RAMOS *et al.*, 2017; TARANGO *et al.*, 2018).

---

<sup>3</sup> Tradução feita pelas lideranças das três comunidades Warao: Nabu Sanuka, Winikina, Pueblo Blanco.



Outra questão bastante relevante nesse estudo é a experiência das crianças dentro do processo de migração. As violações de seus direitos estão intimamente ligadas a questão de sobrevivência do povo Warao, o direito de brincar, direito de estudar, direito à saúde, à alimentação, entre outros, até porque “a coleta” (pedir dinheiro no sinal), no Brasil, é considerado exploração ou trabalho infantil (Art 5º, ECA, 1990).

### PROPOSTA METODOLÓGICA DE TRABALHO

Nesta seção tratamos sobre o conceito de infância e como o mesmo foi compreendido ao longo da história. Muito embora a infância no mundo de hoje tenha se tornado objeto de variados estudos, ao longo da história, as crianças eram deixadas de lado dentro das áreas de conhecimento, pois as mesmas eram identificadas como aquelas que não tinham “voz” e, portanto, suas informações e sua experiência social não eram levadas em consideração, nem mesmo pelo trabalho científico (LOPES, 2012).

Apesar desta situação hoje ter mudado, ainda as crianças são tidas como seres dependentes que precisam de alguém para falar por elas. Uma nova percepção sobre a criança vem aflorar na contemporaneidade, onde surgiu um novo olhar sobre a infância, na qual as crianças passaram a ser conhecidas socialmente como seres que necessitam de cuidados específicos (ARIÊS, 1981) (FARIA, 2005).

Atualmente, as crianças vêm sendo enxergadas a partir de uma referência mais identitária, onde pode ser levado em conta seu contexto social, cultural, econômico, e suas vivências reais. Assim é importante esclarecer que o trabalho com crianças é muito delicado, principalmente se as mesmas vêm passando por processos sofridos, sendo obrigadas a sair de suas casas, seus territórios, onde seus sentimentos de pertencimento foram violados pelas circunstâncias diversas da diáspora, portanto exige uma sensibilidade apurada para perceber como elas enxergam o mundo a sua volta.

Considerando isto, nos procedimentos metodológicos desta pesquisa, as rodas de conversas iniciais propiciaram momentos de fala e de escuta. Como esclarece Freire (2006), ao escutar o outro nos colocamos no lugar de sujeitos que estão aprendendo, dialogando, escutando e sendo escutados, trocando experiências de momentos, saberes e vivências.

Desta forma, compreender o olhar da criança a partir da expressão em forma de desenho, pintura e rabiscos apoiados na oralidade, e na leitura deste desenho é a metodologia para compreender o processo de saída de seu local de origem, seu entendimento do “eu lá, eu cá” impacta sua visão do mundo.



A metodologia pedagógica aplicada no presente estudo são concepções da autora Gobbi (2005), segundo a qual os desenhos e a oralidade são expressões das crianças que não podem ser dissociadas, pois juntas constituem documentos históricos que esclarecem o mundo vivido, imaginado e construído. Compreender o que revelam por meio de seus desenhos sobre os espaços onde estão inseridas permite um panorama de sua experiência social e visão de mundo na diáspora.

### **DIBUJANDO: EU LÁ, EU CÁ, O OLHAR DAS CRIANÇAS SOBRE O PROCESSO DE MIGRAÇÃO PARA A CIDADE DE BELÉM DO PARÁ.**

Nesta seção apresentamos as análises das atividades elaboradas dentro do Projeto Super Panas, no espaço de Abrigamento do Tapanã, na cidade de Belém. O Projeto é uma parceria entre a Unicef e a instituição Aldeias Infantis, e está nos Espaços de Abrigamento desde o ano de 2020, agora ampliado para outros territórios onde os Waraos estão inseridos, os quais são denominados de comunidades.

No espaço de abrigo são realizadas atividades de educação não-formal, que buscam possibilitar às crianças o contato com temáticas importantes para seu crescimento, por meio de brincadeiras, contação de histórias, rodas de conversa, priorizando e escuta das crianças nas mais diversas situações. Lembrando que o processo ocorre de forma trilingue: Warao, Espanhol e Português.

Estão no espaço de abrigo do Tapanã (E. A. Tapanã), um total de 60 crianças entre 0 a 17 anos. As crianças que fizeram parte das atividades relacionadas a esta pesquisa foram um total de 26, sendo 12 meninos com idade entre 7 a 11 anos e 14 meninas com idade entre 8 e 11 anos. Apesar de estarem presentes no E. A. Tapanã crianças das mais diversas comunidades Warao na Venezuela, optou-se pela escolha dos desenhos de crianças de somente três comunidades específicas: Naba Sanuka, Pueblo Blanco e Winikina. Os desenhos foram feitos pelas crianças que estavam interessadas em participar e quiseram falar a respeito do tema que foi abordado na roda de conversa: “Como era lá onde eu morava”, a qual posteriormente foi denominado de “EU LÁ”.

A temática EU LA, EU CÁ, foi desenvolvida em um período de dois meses, cujo objetivo era compreender como eram para as crianças os seus espaços de moradia antes de chegarem ao Brasil, e por conseguinte, compreender o processo diaspórico vivido pelas crianças para chegar até aqui. Abaixo descrevemos detalhadamente o processo de coleta de dados.

Inicialmente foi apresentado às crianças o percurso por elas percorrido por meio da demonstração do mapa da América Latina e da Venezuela. Após isso, iniciou-se a roda de conversa



com as crianças a partir de um roteiro semiestruturado. Abaixo constam as perguntas e a transcrição das respostas. Como as crianças falam somente a língua nativa Warao e espanhol, trazemos abaixo as traduções de cada fala.

#### **RODA DE CONVERSA “EU LÁ”**

##### 1. Como era a vida no local de origem?

“Nuestra vida fue muy buena, teníamos morit okumathino”

Tradução: Nossa vida era muito boa, tínhamos Miriti e cará.

“Nu puedo hablar, mucho pequeña”

Tradução: Não sei dizer, eu era muito pequena.

“Nosotros vinimos en barco a Manaus”

Tradução: Nós viemos de barco até Manaus.

“Nosotros vinimos porque estabamos hambrientos y no teniamos atencion medica y no tínamos borata”

Tradução: Eu e minha família viemos porque estávamos passando fome e não tínhamos atendimento médico e não tínhamos dinheiro.

“No hay dinero en Venezuela, nos dieron una tarjeta de comida que fue suficiente para comprar poca comida”

Tradução: Não há dinheiro na Venezuela, entregavam para nós um cartão de alimentação que dava para comprar poucos alimentos.

“Nuestra vida difícil em Venezuela, falta de transporte y combustible”

Tradução: Nossa vida estava difícil na Venezuela, não tínhamos transporte e nem combustível.



## 2. O que levou a decidir mudar?

“Yo y mis hermanos vinimos con mi papá y mi mamá, y vinimos porque estaban pasando muchas cosas en nuestra comunidad”

Tradução: Eu e meus irmãos viemos com meu pai e minha mãe, viemos porque estavam acontecendo muitas coisas em nossa comunidade.

“Nos moríamos de hambre em nuestra comunidad, pero ahora estamos acá”

Tradução: Estávamos passando fome em nossa comunidade, mas agora estamos bem aqui.

“Nosotros não teníamos comida”

Tradução: Nós não tínhamos comida.

“En nuestra comunidad no teníamos forma de conseguir alimento”

Tradução: Estava difícil em nossa comunidade, não conseguíamos comida.

“Mi papa no tenía lugar para trabajar por eso vinimos”.

Tradução: Meu pai não conseguia trabalho por isso viemos.

“Lá coleta era mui difícil, nadie tenía dinheiro”.

Tradução: Não conseguíamos fazer coleta, ninguém tinha dinheiro.

“No tina trabajo, nem alimento”.

Tradução: Não tinha trabalho, não tinha comida.

Um ponto importante de ser mencionado é que muitas das palavras que falamos em português não possuem tradução para a língua Warao, pois as palavras desta língua estão sempre relacionadas ao contexto no qual os indígenas. Esta é uma das razões para termos escolhido crianças destas três comunidades, porque as mesmas falam em espanhol e Warao, o que possibilitou comunicar melhor as perguntas norteadoras das rodas de conversa.

**DESENHOS PRODUZIDOS A PARTIR DA RODA DE CONVERSA: “EU LÁ”**

DOI: <http://dx.doi.org/10.22295/grifos.v32i59.6888> | Edição Vol. 32, Núm. 59, 2023.



Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.



DOI: <http://dx.doi.org/10.22295/grifos.v32i59.6888> | Edição Vol. 32, Núm. 59, 2023.



Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.



### RODA DE CONVERSA “EU LÁ”

No momento seguinte trabalhamos a temática dos espaços de locomoção, na qual falamos sobre quais os meios de transporte os Warao usaram na sua migração. Antes de adentrarmos na roda de conversa foi explanado a respeito dos mais diversos meios de transporte: barcos pequenos, navios, carro, ônibus, moto e bicicleta. Após as explanações iniciais, foi dado início à roda de conversa a partir de duas perguntas norteadoras que estão abaixo enumeradas de 3 e 4.

#### 3. Como foi a viagem?

“Muy difícil, primero hacemos lo caminio de “kuriara”, luego tomamos un bote, un bus y, para vir para Belém, pegamos um barco”

Tradução: Muito difícil, primeiro fizemos o caminhando com um barco a remo, depois fomos caminhando até um local onde pegamos um ônibus e depois pegamos um barco e chegamos até aqui em Belém.

“Nosotros fizemos coleta para vir para Belém”

Tradução: Nós fizemos coleta para vir para Belém

“No recordamos como fue el viaje”

Tradução: Não recordamos como foi a viagem

“Todo momento hacemos coleta para poder viajar para Belém”

Tradução: Fizemos muita coleta para vir para Belém

#### 4. Como escolheram Belém?

“Mi hermano vino como mi abuelo, luego enviaron dinero, luego vinimos aquí”

Tradução: Meu irmão veio como meu avô, depois eles mandaram dinheiro, aí viemos para cá.

“Primero vino mi madre, luego yo y mis hermanos y mi padre”

Tradução: Primeiro veio a minha mãe, depois eu e meus irmãos e meu pai.

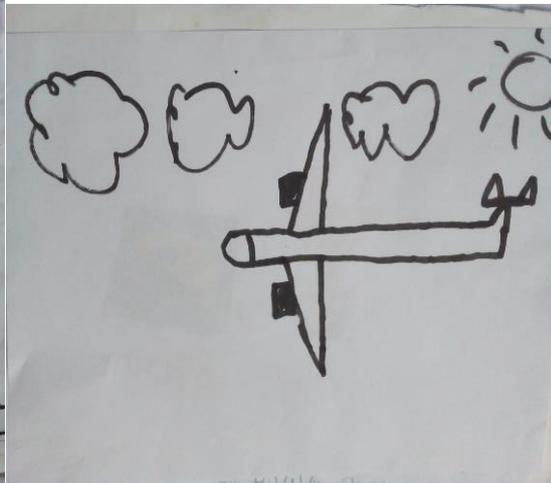
“Papá y mamá conocían Waraos de nuestra comunidad que ya estaban aquí”

Tradução: Papai e mamãe conheciam alguns parentes lá da nossa comunidade que já estavam morando aqui.

“Puedes ganar buen dinero recolectando aquí, así que vinimos aquí.”

Tradução: Dá para fazer um bom dinheiro com a coleta aqui, por isso viemos para cá.

**DESENHOS FEITOS PELAS CRIANÇAS SOBRE O PROCESSO DE MIGRAÇÃO ATÉ BELÉM: “DIBUJANDO EL VIAJE” DESENHANDO A VIAGEM.**





DOI: <http://dx.doi.org/10.22295/grifos.v32i59.6888> | Edição Vol. 32, Núm. 59, 2023.



Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.



E como último momento ao longo de dois meses das atividades da temática “EU LÁ, EU CÁ”, foi realizada a última roda de conversa a partir da seguinte pergunta norteadora:

##### 5. Como esta vida em Belém?

“Estoy muy feliz de estar aquí, es mucho mejor aquí, porque aquí podemos cobrar, simplemente es malo porque no estudiamos, no hay escuela.”

Tradução: Eu estou muito feliz de estar aqui, aqui é muito melhor, porque aqui podemos fazer coleta, só é ruim por que não estudamos, não tem escola.

“Vivir aquí es bueno, pero queremos estudiar.”

Tradução: Morar aqui é bom, mas queremos estudar.

“Se está bien aquí, pero tenemos muchas ganas de ir a la escuela.”

Tradução: Aqui é bom mais queremos muito ir para a escola

## DESENHANDO O “EU CÁ”



Os desenhos podem ser usados na perspectiva de se acessar uma dimensão específica da experiência das crianças, ao privilegiar a expressão de uma realidade que pode até sobrepor à fala. Essa metodologia oferece também pistas para o entendimento dos espaços e dos fluxos, onde elas moravam e as vivências anteriores à saída dos territórios. O processo de registro em forma de desenho propicia compreender o panorama da realidade vivenciada com os outros e com o mundo das quais as crianças fazem parte.

DOI: <http://dx.doi.org/10.22295/grifos.v32i59.6888> | Edição Vol. 32, Núm. 59, 2023.



Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

E como última etapa de nossas atividades ao longo de dois meses trabalhando o eixo norteador “EU LÁ, EU CÁ”, foram confeccionadas maquetes de *janoko sebe* - comunidades Warao, representando o EU LÁ. A execução desta atividade ocorreu da seguinte forma: inicialmente uma liderança Warao foi explicando para as crianças como era feitas as *janokos*, casas Warao. Foi utilizado para essa atividade: pau de churrasco, barbante, cola, papel crepom, papel A4, tinta guache, pincel e cola branca e de isopor. Depois das explicações as crianças acompanhadas de um adulto foram colocadas em equipes de quatro crianças e construíram cada qual suas *janoko sebe*.

Foto 1: Construção da maquete da *janoko sebe*



Fonte: Acervo dos Autores

Figura 2: Maquete *janoko sebe* construída

Fonte: Acervo dos Autores

Na segunda etapa desta atividade final, as crianças foram agora incentivadas a confeccionar em maquete o espaço de vivência atual. Os materiais utilizados foram: isopor, cola quente, tinta guache e pincel. Abaixo a foto da maquete do espaço onde as mesmas estão inseridas no momento atual.

Figura 3: Maquete do entorno do abrigo no bairro do Tapanã.



Fonte: Acervo dos Autores

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A metodologia proposta neste estudo possibilitou a compreensão do que é objetivo e o que é subjetivo dentro da vida social da criança Warao em situação de diáspora, onde a mesma precisa se desenvolver em meio a situações de violação de direitos, na situação em que o direito de viver em sua comunidade foi interrompido pela busca da sobrevivência.

Compreender o processo de saída de um povo de seu lugar de origem por meio do olhar da criança revela a noção de pertencimento ao espaço que foi deixado para trás e como a mesma se vê LÁ e como se vê CÁ, colocada dentro de um local que não é o lar original, mas que não deixa de ser sua comunidade, pois apesar de todo o processo diaspórico enfrentado pelas crianças Warao das comunidades Pueblo Blanco, Naba Sanuka e Winikina, as mesmas carregam sua identidade, sua cosmologia e seu futuro.

As atividades desenvolvidas com o tema “EU LÁ, EU CÁ” usando as rodas de conversas, na qual as crianças puderam expor suas vivências foi primordial para o entendimento do processo de diáspora e re-existência do povo indígena Warao. Os desenhos apresentam uma complexidade por serem portadores das representações que as crianças têm acerca dos processos que passaram e passam, das lembranças e esperanças, desde o momento que se sentiram obrigados a sair de seus lares. Em sentido mais amplo este estudo permeia os desafios que o povo Warao vem enfrentando aqui no Brasil ao longo de já quase dez anos de migração.

Outrossim, tem-se o entendimento de que para trabalhar com a criança fazendo com que a mesma exponha seu ponto de vista faz-se necessário ter em mãos ferramentas que possam contribuir para sua expressão própria, criando um ambiente seguro e sensível para que a criança possa colocar em sua fala e em seus desenhos seus sentimentos, seus anseios e suas alegrias.

## REFERÊNCIAS

ACNUR, Alto Comissariado da ONU para os Refugiados. *Nota informativa para municípios sobre chegadas espontâneas de população venezuelana, incluindo indígenas*. Brasília:

ACNUR/Ministério da Cidadania, 2019. Disponível em:

[https://doar.acnur.org/acnur/coronavirus.html?utm\\_source=google&utm\\_medium=cpc&utm\\_campaign=BR\\_PS\\_PT\\_cea\\_UNHCR&utm\\_campaign=BR\\_PS\\_PT\\_general\\_UNHCR\\_CoreBrand&gclid=EAIaIQobChMIh6eS2ofU8gIViYeRCh1S1Q9uEAAAYASAAEgKvWvD\\_BwE&gclidsrc=aw.ds](https://doar.acnur.org/acnur/coronavirus.html?utm_source=google&utm_medium=cpc&utm_campaign=BR_PS_PT_cea_UNHCR&utm_campaign=BR_PS_PT_general_UNHCR_CoreBrand&gclid=EAIaIQobChMIh6eS2ofU8gIViYeRCh1S1Q9uEAAAYASAAEgKvWvD_BwE&gclidsrc=aw.ds)

Acesso em 20 de agosto de 2021.



BANIWA, G. *A Conquista da Cidadania Indígena e o Fantasma da Tutela no Brasil Contemporâneo*. IN: RAMOS, A. R. (Org.). *Constituições Nacionais e Povos Indígenas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 238 p. Disponível em:

<<https://www.revistas.usp.br/ra/issue/view/6875>> Acesso em 16 de agosto de 2021.

BOBBIO, N. *A Era dos Direitos*. Tradução Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004. 232 p.

BRASIL, *Constituição da República Federativa do Brasil*. 1988. Disponível em:

[https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988\\_15.03.2021/art\\_231\\_.asp](https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_15.03.2021/art_231_.asp). Acesso em 16 de julho de 2021.

BRASIL. *Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências*. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L8069.htm#art266](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm#art266)>. Acesso em: 16 de agosto de 2021.

CASHMORE, Ellis. *Dicionário de relações étnicas e raciais*. São Paulo: Selo Negro. Edição, 1996. Disponível em: <<http://repositorio.unifesp.br/bitstream/handle/11600/41165/COMFOR-GDE-Mod4.pdf?sequence=3&isAllowed=y>> Acesso em: 20 de agosto de 2021.

DINO, N. A. Entre a Constituição e a Convenção n. 169 da OIT: o direito dos povos indígenas à participação social e à consulta prévia como uma exigência democrática. *Boletim Científico ESMPU*, Brasília, p. 481-520, jan./dez. de 2014.

FARIA, G; DERMATINI, Zelia de Brito Faberi; PRADO, Patrícia Dias (Org.). *Por uma cultura da infância: metodologia de pesquisa com criança*. Campinas Autores Associados, 2005.

FREIRE, Paulo. *A educação como Prática da Liberdade*. ed. Rio de Janeiro: Editora: paz e terra LTDA. 1997.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 47° ed. – São Paulo, Cortez, 2006

GARCÍA CASTRO, Alvaro. *Mendicidad indígena: los Warao urbanos*. Boletín antropológico, v. 48, n. Enero–Abril, p. 79-90, 2000

GOBBI, Márcia. Desenho infantil e oralidade. In FARIA Gularte. Ana Lúcia ; DERMATINI, Zélia de Brito Fabri; PRADO, Patrícia Dias (Org.). *Por uma cultura da Infância: metodologia de pesquisa com criança*. Campinas S.P. Autores associados 2005. P. 69-92.

HAHN, P. *Interculturalidade e Direitos Humanos*. 2012.

HALL, S. 2003. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte/Brasília. UFMG, UNESCO, 434p.

DOI: <http://dx.doi.org/10.22295/grifos.v32i59.6888> | Edição Vol. 32, Núm. 59, 2023.



Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

HUMAN RIGHTS WATCH. *Venezuela: Crise humanitária alastra-se para o Brasil*. 18 abr. 2017. Disponível em: <https://www.hrw.org/pt/news/2017/04/18/302397>. Acesso em 21 de agosto de 2021.

JAIMES, A. *Nuevas evidencias de cazadores-recolectores y aproximación al entendimiento del uso del espacio geográfico en el Noroccidente de Venezuela. Sus implicaciones en el contexto Suramericano*. *Arqueología del Area Intermedia* 1: 83–120, 1999. Disponível em: <<https://www.academia.edu.com.br>> Acesso em 21 de agosto de 2021.

LOPES, Andrea S. C. *A construção da identidade da infância na Amazônia ribeirinha: ilha de Cotijuba Belém – Pará*. 2012, 212, Tese (Doutorado em desenvolvimento rural), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES. DTM. *Brasil: monitoramento do fluxo migratório venezuelano*. [S. l.]: OIM, 2018. Disponível em: <<http://www.globaldtm.info/pt/brazil-flow-monitoring-venezuelan-migration-flow-abril-2018/>>. Acesso em 16 de agosto de 2021.

RAMOS, Luciana, BOTELHO, Emília e TARRAGÓ, Eduardo. *Parecer Técnico/ SEAP/ 6ª CCR/ PFDC nº 208/2017*. Brasília: Ministério Público Federal, 2017.

YAMADA, Erika; TORELLY, Marcelo (org.). *Aspectos jurídicos da atenção aos indígenas migrantes da Venezuela para o Brasil*. Brasília: Organização Internacional para as Migrações (OIM), Agência das Nações Unidas para as Migrações, 2018.

